

A IDENTIDADE DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS: AS VIVÊNCIAS DE UMA RESIDENTE NOS ANOS INICIAS DA ALFABETIZAÇÃO

Virginia de Lourdes Gomes Alves¹
Elisabete Carlos Vale²

RESUMO

Ouvir histórias é sem dúvidas, importante tanto na formação da criança como na formação de um leitor. A experiência no Programa Residência Pedagógica (PRP) tem me mostrado que contar uma história para as crianças vai muito além das palavras escritas, uma vez que, ao “contar uma história” (re)significamos nossas leituras de mundo. Desse modo, o presente relato, tem como objetivo refletir sobre a minha experiência como bolsista da Residência Pedagógica numa turma de 1º ano na EMEF Rivanildo Arcoverde, Campina Grande/PB durante o ano de 2023. Das várias experiências vivenciadas ao longo do ano letivo me proponho trazer luz a contação de história enquanto metodologia alfabetizadora, e ao mesmo tempo, construtora da minha identidade docente, identidade essa, negociada na completude da sala de aula.

Palavras-chave: Contação de História, Formação Docente, Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (1991, p. 58), afirma que, “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”, essa é uma citação amplamente conhecida, e reivindicada por tanto de nós, estudantes de licenciatura. Assim como nas palavras de Freire, não nasci professora, também não decidi isso em uma terça-feira, as quatro horas de uma tarde chuvosa ou ensolarada, muito menos abri o guarda roupa e vesti um superpoder, abrir um parêntese para entender essa identidade, é importante no sentido, de compreender o ponto em que estou. Não inversamente ao que diz a segunda parte da citação, não me tornei professora quando ingressei em um curso de Pedagogia, tão menos, quando fui selecionada para participar de um programa de valorização à docência, até aí, tudo que eu tinha era puramente teoria. O caminho até aqui, começa especificamente no dia 11 de novembro de 2022, com a primeira visita ao meu “laboratório”, e



¹Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, virginialourdesalves@gmail.com;

²Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ. Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. elisabete.vale1@gmail.com;

esbarram nos meus medos e anseios de ser residente em uma sala de “alfabetização”. Na ocasião da visita, nossa preceptora, nos entregou balões com palavras de incentivo que deveriam servir de pilar nessa jornada, não saí de lá educadora, mas saí com um compromisso, tal qual minha palavra de incentivo.

Reporto-me mais uma vez a Freire (2021, p 18) quando afirma que “a primeira condição para que se possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”. Foi ancorada nesse compromisso e na busca por significar essa experiência, para que ela pudesse fazer sentido, que comecei a contar histórias e me permito pensar essa formação tomando como referência as atividades desenvolvidas na EMEF Rivanildo Arcoverde, nas turmas de 1º ano das series iniciais do Ensino Fundamental, entre os anos de 2022 e 2023. Vale destacar, que as atividades de contação, aqui descritas, foram experienciadas no Programa de Residência Pedagógica, nesse sentido, me proponho lançar luz em refletir o papel da contação de história na construção individual de minha identidade docente, sem desconsiderar a importância da estratégia em todas as suas facetas, no contexto de alfabetização, de letramento, de leitura e sobretudo para oralidade, e na construção de sujeitos sociais. Servem de referência Paulo Freire, Kathryn Woodward e Fanny Abramovch.

1. Desenvolvimento: Da identidade de uma contadora de Histórias para uma professora alfabetizadora

Para Woodward (2014), a identidade diz respeito a aquilo que se é, em relação aquilo que não se é, e eu sou leitora, sou estudante de pedagogia e tantas outras coisas, eu só não era professora. Ainda que, segundo Woodward, elas (as identidades) sejam forjadas, sempre quando uma suposta estabilidade seja posta em cheque, e tanto podem ser negociadas, quanto “produzidas em momentos particulares de tempo” (WOODWARD, 2014, p.39), de modo que “[...] pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com ela”(WOODWARD, 2014, p.15), e sob essa perspectiva, lá estava eu, negociando uma identidade.

Como muito de quem sou se reflete em como me posiciono no mundo, meu caminho no Programa Residência Pedagógica começa com uma contação, um livro e um tapete. Não que tenha começado errado, já que para Almeida (2017, p.3824), é um erro gravíssimo “o fato de que inúmeros professores ensinam a ler, mas não gostam de ler, como se o processo fosse algo mecânico [...], que dificulta ainda mais o ato de ler por prazer e o ler corretamente, interagindo, vivendo e revivendo as histórias lidas”, ninguém nasce leitor, o amor pelos livros exige paciência, até que contação faça sua magia.

2.1. O mundo do era uma vez

Ouvir histórias é sem dúvidas, muito importante tanto na formação da criança, como na formação de um leitor. A experiência na residência pedagógica tem me mostrado que contar uma história para nossas crianças vai muito além das palavras escritas, uma vez que (re)significa nossas leituras de mundo

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...]. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Embora as histórias contadas (durante a residência), sempre tivessem relação com o tema gerador da escola, elas sempre foram, sobretudo, no sentido de construir nos alunos a habilidade de ouvir, mas também de pensar sobre, de elaborar paralelos entre a história e sua história, de representar em palavras ou desenhos significados de mundo e do seu mundo. E assim a contação vai fazendo a magia de deixar não só o mundo redor das crianças inteligível, como também, oportunizar a elas espaços onde possam argumentar e se posicionar tanto em relação a história que está sendo contada, quanto em relação as situações vividas cotidianamente, as quais elas sempre têm alguma coisa a falar. Como quando contei a história “O livro da Família” do autor Todd Parr. na medida em que algumas páginas eram passadas uma menina falou: “Professora*, minha família tem assim como a da história”. Na concepção de Parr, família é quem ajuda uns aos outros a serem fortes, mas quando representa o conceito de família, a criança a desenha juntamente com a sua mãe. Durante todo o trajeto da contação as crianças iam acrescentando pontos aos quais nem tinha me dado conta, quando na verdade foram eles que me trouxeram a algum lugar, mas as situações reais eu sempre pensava: “o que vou fazer de diferente de uma próxima vez?”.

Um ponto significativo nessa construção, foi nunca limitar as histórias a sala de aula, as cadeiras ou livros físicos. A leitura não precisa ser um ato penoso muito menos impositivo, ao longo dessa experiência eu também aprendi a ouvir as crianças, fazer perguntas, pois, como dito nas palavras de Abramovich (1997 p. 143): “Ao ler uma história à criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...]. Pode se sentir inquietada, cutucada querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...]”. Sempre que possível, lá estávamos nós, em baixo de uma árvore ou no chão do pátio, e o que importava é “[...] que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada um a seu gosto... E depois, quando todos estiverem acomodados, aí começar “Era uma vez ...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 22).

Dos clássicos a literatura infantil contemporânea, as crianças passearam por muitas histórias, e encontrar um caminho só foi possível graças a comunicação estabelecida com o preceptor nesse processo de formação, a avaliar os passos metodológicos que funcionavam e como eram recebidos pelos alunos, logo, as vivências mais prazerosas aconteceriam considerando o uso de aspectos dos seguintes aspectos: avental, tapete, fantoche-palitoche, mudando a entonação da voz e abrindo espaços para a fala e imaginação, como é possível ver nos registros das seguintes contações: Romeu e Julieta – Ruth Rocha, Menina bonita do laço de fita – Ana Maria Machado, A cesta da Dona Maricota – Tatiana Belinky .

O Programa Residência Pedagógica é uma via de mão dupla, precisa ter significado para todos os envolvidos. Durante a minha jornada como bolsista meu maior medo era não contribuir com o processo de formação dos alunos, porém, com o desenrolar das atividades didático-pedagógicas e com a interação e aprendizado das crianças tal receio foi ficando pra trás, conforme destacou a preceptora durante uma reunião de planejamento e avaliação.

A contação de história foi importante para a aprendizagem das crianças, pois, além de estimular a criatividade proporciona na criança momentos de alegria, oportunidade delas vivenciarem diversas emoções. Na turma do 1 ano da Escola Rivanildo...algumas momentos foram vivenciados por eles relacionado a contação de histórias, elas se envolveram bastante ouvindo cada uma e a partir dessa prática pedagógica tivemos o prazer de acompanhar a aprendizagem da turma por meio da socialização de cada história contada, da leitura e interpretação que cada um(a) fez, da expressão e interpretação através de desenhos, tudo foi pensado para alcançar as competências e habilidades necessárias para aquele conteúdo. De forma dinâmica utilizando dessa ferramenta, tivemos a oportunidade de vivenciar momentos únicos de aprendizagem com a turma, ajudando significativamente nos aspectos cognitivos e de socialização dos alunos (Marcyane Albuquerque – Preceptora/professora da turma).

Seja na fala da preceptora, nos diagnósticos de acompanhamento a cada bimestre ou na experiência vivida, a contação enquanto estratégia não pode ser ignorada, e se ela ganhou destaque é porque foi com ela que encontrei o meu caminho e minha voz, compreendendo os desafios da sala de aula dentro de sua lógica, em seus termos tendo apoio, incentivo e *feedback* de um preceptor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse relato, busquei refletir os caminhos que trouxeram luz para a construção da minha identidade docente. O trajeto da formação docente é individual, mas também, coletivo, varia de pessoa a pessoa, não precisa ser árido. Assim, a passagem que me trouxe aqui diz muito daquilo do que eu sou, e começa com o que motiva que foi a contação de história.

Contar histórias não é uma metodologia simples, contar histórias é uma arte, requer paixão e requer reflexão sobre o que funciona, atrai e chama a atenção do seu público. Isso exige conhecer as crianças, saber o que as deixa confortável e manter o encantamento de ouvir uma história, pois, nada relacionado a leitura deve ser obrigatório ou desconfortável.

A experiência como bolsista do Programa Residência Pedagógica me fez compreender que a contação de história, é importante, tanto na formação de leitores, quanto na formação de sujeitos críticos. No meu entender, é uma prática que deve ser valorizada e incentivada, pois, para além dos benefícios em relação ao desenvolvimento da oralidade, leitura e letramento das crianças, contribui significativamente para a formação mais ampla das mesmas, a partir da oferta de um repertório de temas importantes que permitem as crianças pensarem sobre si, sobre o outro e/ou sobre a existência humana

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através da Diretoria de Educação Básica (DEB) pela concessão da bolsa de formação de professores no Programa Residência Pedagógica. À Professora Elisabete Vale, à Preceptora Marcyanne Albuquerque por me conduzir nesse percurso de formação, as residentes que estiveram comigo nessa caminhada e a Escola Rivanildo Sandro Arcoverde.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, V. D.; ALMEIDA, M. B. X.; LIMA, M. A. A., CARVALHO, F. D. S. A importância da literatura infantil para a formação e o desenvolvimento do senso crítico das crianças. *In. Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional*, v. 6, n. 6, 2017.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *IN. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.